

PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE O ESPAÇO-ESCOLA ABERTO A COMUNIDADE

Ana Paula Ribeiro Hirakawa (UPM); Izabella Paiva Monteiro de Barros (UPM)

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo tem por objetivo apresentar a pesquisa intitulada “Programa Escola da Família: O olhar da criança sobre o espaço-escola aberto a comunidade”, financiada através do programa de bolsa de iniciação científica, pelo PIBIC/MACKENZIE. O tema desta pesquisa surgiu a partir da minha experiência como voluntária no Programa Escola da Família, em que pude observar de perto como as relações das crianças com o ambiente escolar se modificava quando o espaço escolar se encontrava aberto para a comunidade. Pois as crianças se sentiam pertencentes àquele ambiente, chegando muitas vezes a não querer ir embora para a casa, o que me fez indagar como é a relação da criança com o espaço escolar e como percebe este espaço? A partir dessa questão foi necessário um levantamento acerca do assunto, para aprofundar o conhecimento acerca da relação entre família e escola.

Segundo Carvalho (2004) tanto a escola como a família, são instituições fundamentais, que atuam no desenvolvimento do indivíduo. A família é um lugar de intimidade que transmite valores e crenças. A escola, por sua vez, é encarregada do conhecimento científico e da produção de cultura letrada. Sendo a escola, uma instituição de socialização, que pode ser ou não coercitiva, e que juntamente com a família age no desenvolvimento da criança, justifica-se uma pesquisa que tenha como foco entender o que ocorre quando esse espaço-escola passa a ser aberto para a comunidade, e família e criança começam a interagir neste local, que antes era visto como uma instituição à parte. O espaço-escola segundo Marçal (2006), não é um local de isolamento, mas sim de interação, que não ocorre somente dentro da sala de aula, mas também em outros momentos extra-sala como organização de eventos, festas, gincanas, em que ocorre uma troca de experiências e conhecimentos, que atuam diretamente no desenvolvimento do indivíduo.

Diante de tais considerações, questiona-se: como é a relação da criança com o espaço escolar e como percebe este espaço?

Desta forma, esta pesquisa teve por objetivo geral verificar de que modo as crianças interagem com o espaço escolar, quando este se encontra aberto à comunidade; E como objetivos específicos verificaram-se: O significado de “escola” para as crianças da amostra; Se as crianças percebem a família e a comunidade interagindo ou podendo interagir nesse espaço escolar.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Escola e Família

Nos dias atuais a relação escola-família na escola pública ainda se mostra com muitas dificuldades “Logo, a fórmula família-escola, da maneira como vem sendo vivida na realidade, acaba perpetuando a dinâmica de exclusão de parte das camadas populares da escola pública, ainda que este mecanismo ocorra, atualmente, de forma mais sutil” (Ribeiro & Andrade, 2006, p. 393).

A escola muitas vezes não condiz com o dia-a-dia do sujeito na sua família, a escola começa a não ter significação para a criança, e ela passa a não gostar nem das atividades solicitadas pela escola nem de frequentá-la; Esta falta de integração da escola com a família, e com o ambiente da criança, faz com que ocorram muitas evasões escolares (Ataíde, 2002). A interação entre família e escola, de acordo com Carvalho (2004) é um tema muito importante, por que esta interação implica diretamente tanto no desenvolvimento cognitivo da criança, como no desempenho escolar da mesma.

2.2 Programa escola da família

De acordo com Groh (2006) a participação social, juntamente com os movimentos sociais, é caracterizada pela reivindicação, lutas e protestos, trazendo um cunho transformador. De acordo com o mesmo autor, a participação é uma necessidade humana que deve ser estimulada. No estado de São Paulo, o governo criou o “Programa Escola da Família”, que consiste na abertura das escolas estaduais aos finais de semana, atraindo a comunidade para conviver no espaço-escola, transformando-as em centro de convivência, onde são desenvolvidas atividades relacionadas à arte, educação, atividades físicas e culturais. O programa conta com a participação de universitários e

voluntários que auxiliam nessa integração com a comunidade.

Oliveira, Oliveira, e Terezani (2008) afirmam que o Programa Escola da Família está diretamente ligado ao lazer, pois ele possibilita a interação social, a responsabilidade participativa, além também de fortalecer os laços com a escola e com a comunidade. O espaço da Escola da Família é um ótimo local para lazer, principalmente nas regiões em que a população é menos favorecida, tendo poucos espaços em que pode encontrar lazer de graça e encontros com a família “São situações em que as crianças resgatam seu direito à infância participando de brincadeiras, oficinas de música, dança, pois, sobretudo nas comunidades de baixa renda, é importante reservar à criança o direito de brincar, o direito à ludicidade” (Noletto, 2006, p.121), além disso, o autor também afirma que todos os familiares passam a ter acesso a um mundo que antes era inacessível, como aulas de dança, cinema, teatro e outras oficinas. Segundo Athias (2006), depois de três anos desde o início do programa Escola da Família, o programa contava com 30 mil voluntários, seis mil educandos profissionais e mais de 35 mil universitários.

Segundo Nidelcoff (conforme citado por Neto e Ferreira, 2006) é muito importante que os espaços escolares estejam abertos, pois diante das periferias em que não há locais de lazer como cinema, teatro para a comunidade, ter uma escola com as portas fechadas é quase como um desrespeito para com essa população, assim quando a escola é aberta ela se torna útil e parte integrante dessa comunidade. De acordo com Freeman (1977) a escola comunitária seria uma escola aberta, onde pais e crianças poderiam participar juntos das atividades escolares, e as atividades da escola estariam abertas a todos, isso seria uma maneira de educar a comunidade ao redor da escola.

2.3 O que é o espaço-escola?

O espaço escolar, em seu todo, através de sua arquitetura, divisões, distanciamento da rua e das casas, gerou uma nova cultura escolar, que passou a ser apropriada de diversas formas, tendo diferentes sentidos e significados para um mesmo lugar (Faria Filho, 1998).

Ataide (2002) realizou uma pesquisa que consistia em entrevistar famílias que não se situam no lugar de perfeita família célula-mãe, dentre elas famílias que moram nas favelas e se constituem por pais moradores de rua. Tais participantes relatam uma escola idealizada, que eles não encontram no real, uma escola que transcenda o espaço físico, a burocracia da instituição, que ultrapasse as paredes desse local, acreditam que a melhor escola seria uma escola que rompe barreiras e cria laços afetivos. Segundo Faria Filho (1998), O espaço escolar também se define pela forma como se regulamenta o “ocupar” e o “preencher” desse espaço, sejam esses elementos reais ou imaginários.

O espaço da escola segundo Alves (2002), tem que ser um espaço lúdico, ou seja, tenha um jogo interessante, divertido e que também contenha regras, se desenvolvendo para a vida social na qual é necessária que cada indivíduo abra mão de uma coisa para ter acesso a outra, e assim as crianças vão aprendendo as regras de viver democraticamente. Segundo Carvalho (2000) existe alguns aspectos importantes que estão diretamente ligadas ao espaço escolar como identidade pessoal em que a criança cria uma ligação afetiva com esse espaço, apresentando a esse ambiente, coisas suas, como por exemplo, um objeto seu pessoal, tornando esse lugar como parte de sua identidade.

De acordo com Bassedas, Huguet e Solé (1999), tanto o espaço escolar como a sua organização influenciam no bem estar das crianças e dos profissionais, as crianças precisam de espaços abertos e com o mínimo de condições higiênicas para todos se sentirem a vontade, além disso é preciso decorar, organizar esse espaço para que assim ele se torne acolhedor, seguro e harmonioso. O ambiente escolar consegue assim, criar diversos espaços com diferentes significados (Marçal, 2006). Os novos arranjos sociais também promoveram aberturas para a participação nas escolas, porém, mesmo a participação sendo um direito, é preciso reivindicar este espaço-escola, para poder garantir a inclusão da comunidade (Groh, 2006).

3. MÉTODO

O presente estudo teve caráter qualitativo e exploratório. De acordo com González Rey (2005) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa participativa, em que o pesquisador interage no campo pesquisado. Segundo Piovesan e Temporini (1995) a pesquisa exploratória se apóia em alguns fundamentos como aprendizagem, ampliar os conhecimentos e tem como objetivo “conhecer a

variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere.” (p.321).

Os sujeitos convidados a participar foram seis crianças. Utilizou-se como critérios de inclusão: crianças que participavam do programa escola da família há mais de um ano, com idade entre 7 e 12 anos, sendo três meninas e três meninos, que estivessem matriculadas em alguma instituição escolar. Deveriam pertencer a um baixo nível socioeconômico e ter familiares participantes do programa. Entende-se como familiares: pais, irmãos e parentes próximos. Crianças com psicopatologias não foram incluídas. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada na periferia da zona sul de São Paulo que desenvolve o programa escola da família aos finais de semana.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com as crianças. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de experiências, informações dos sujeitos sobre o assunto ou problema pesquisado, podendo utilizar e explorar adequadamente opiniões e sentimentos (p.197). O referido roteiro de entrevista, desenvolvido exclusivamente para atender aos objetivos desta pesquisa teve perguntas abertas que dão liberdade para os sujeitos responderem em uma conversa informal. Desta forma, conteve questões sobre como a criança entende o espaço-escola, e como é sua relação no programa escola da família. A pesquisa realizou uma entrevista com cada criança e todas as entrevistas foram gravadas em áudio, após consentimento dos participantes. Posteriormente foram transcritas e analisadas. Os encontros foram realizados na própria instituição escolar, no horário do programa escola da família.

O primeiro passo da análise do material obtido pelas gravações das entrevistas foi constituído por sucessivas leituras cuidadosas e sistemáticas para identificação das palavras e/ou frases mais freqüentes o que se considerou a partir de então como representativas. Esta etapa foi realizada segundo a pré-análise da análise temática descrita por Minayo (2004). Posteriormente o material foi organizado para atender aos objetivos da pesquisa. A partir daí foi feito um recorte do material da entrevista de cada sujeito com os principais dados, recorte este realizado de acordo com Bardin (1977), por análise categorial a qual se caracteriza pelo processo estruturalista, classificando os elementos de acordo com a investigação do que cada um tem comum. Em um primeiro momento os dados foram analisados sujeito por sujeito para depois ser traçado um panorama geral do grupo de crianças como um todo.

4. Resultados e Discussão

Após realizar a entrevista semi-estruturada proposta anteriormente com as seis crianças participantes da pesquisa, obteve-se os resultados que serão apresentados em uma tabela com as principais categorias e subcategorias encontradas nas entrevistas. De acordo com os resultados obtidos na entrevista semi-estruturada, foram analisados à luz da teoria, os principais dados encontrados no discurso de cada sujeito, ressaltando as principais semelhanças e diferenças encontradas entre os casos.

4.1 Tabela com as categorias e subcategorias encontradas nas entrevistas

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	PALAVRAS E FRASES ILUSTRATIVAS DAS RESPOSTAS MAIS FREQUENTES
Família	Relação com a família Família freqüentar junto a escola nos fins de semana	Legal Brincamos juntos
Comunidade	Relação com a comunidade Escola e comunidade juntos na Escola da Família	Pouco contato Brincar com os amigos
Escola	Escola Espaço escolar	Aprendizado e obediência Espaço para brincar
Lazer	Escola como lugar de recreação O que faz nas horas de lazer	Poder brincar Freqüenta a Escola da Família
Escola da Família	Escola da Família Freqüência na Escola da Família Como é freqüentar a escola no fim de semana O que mais gosta da escola no final de semana	Escola de brincar Sempre Diferente de ir para estudar Brincar

Tabela 1: Tabela com as principais categorias e subcategorias com as palavras ou frases ilustrativas encontradas nas

entrevistas com as crianças.

Na tabela 1, é possível verificar que tanto no item sobre o que representa o espaço escolar como no que se refere ao que é Escola da Família, ambos são descritos como um local de brincar. Já no item sobre o que significa escola, surge a referência ao aprendizado e à obediência.

4.2 Sujeito 1

O sujeito 1 é um menino de oito anos, estudando a terceira série do ensino fundamental, tem uma irmã mais velha (15 anos) e um irmão mais novo (7 anos, sujeito 3), frequenta o programa Escola da Família a mais de um ano. Mostrou-se muito entusiasmado durante todo o decorrer da entrevista, parecendo estar muito à vontade para responder as perguntas da pesquisadora, sendo que muitas vezes até se excedia e falava de assuntos que não se relacionavam ao tema proposto. A escola aparece como tendo um papel muito importante para ele, pois como ele mesmo afirma, a escola é a sua “segunda casa”, e os professores são seus segundos pais e mães. Coloca a escola em uma posição de igualdade com a instituição da família o que vai ao encontro do que afirma Carvalho (2004), que aponta que escola e a família são as duas agências mais importantes na socialização da criança. Porém, em outro trecho ele também afirma que a escola é um lugar apenas para se aprender “*a gente hoje, a gente só serve para estudar e não ficar bagunçando, badernando na sala de aula que nem sempre a professora diz, se a gente fica assim ainda, a gente não vai ganhar nada, não vai trabalhar, só vai ficar repetindo de ano, por isso que meu caderno tá cheio de lição pra eu fazer a faculdade, não repetir de ano*”.(sic) Isto também é descrito por Carvalho (2004), pois segundo a autora a escola é encarregada de transmitir o conhecimento científico, ou seja, de ensinar.

Bassedas et al (1999) afirma que o espaço escolar tem que ter o mínimo de condições de higiene, além de ser espaço amplo para que dessa forma as crianças possam se sentirem a vontade nesse ambiente, mas o sujeito 1 traz uma questão interessante, pois o ambiente escolar que ele conhece no Programa Escola da Família é apontando muitas vezes como um local mal cuidado e pequeno, e mesmo esse ambiente não sendo o espaço adequado é o ambiente em que o sujeito mantém relações e se projeta. Fala de como ele e as outras crianças se sentem quando esse espaço é violado, como ele descreve no seguinte trecho “*mas tem umas crianças maldosas que bota fogo na parede né? Ai a gente fica desanimado quando nosso desenho tá ali, por causa que colocaram fogo, ai eu falo assim não fica desanimada, por que vai colar mais (...)*”(sic). Neste trecho podemos recorrer ao que Bassedas et al (1999) afirma sobre o espaço escolar como um lugar em que é necessário se criar um ambiente agradável e acolhedor, que é o que o sujeito faz, decorando esse ambiente escolar com seus desenhos e também mostrando que fica muito desmotivado quando esse ambiente é modificado de forma agressiva.

O sujeito mostra também que quando esse espaço se encontra aberto para a comunidade, ele se torna um local de lazer e de encontros com os amigos da comunidade, pois ele afirma que é importante a escola estar aberta, pois assim pode brincar com outras crianças. Porém quando se trata da sua família participar junto com ele na escola, ele descreve que dificilmente seus pais aparecem na escola, somente seu irmão é mencionado, e sua mãe algumas vezes, mas só quando vai buscar ele e acaba ficando um pouco na escola, isso mostra que apesar do Programa Escola da família promover o envolvimento das famílias nas escolas, poucos adultos participam.

4.3 Sujeito 2

Menino de 9 anos estuda a terceira série do ensino fundamental, irmão caçula de mais dois irmãos (12 e 14 anos) e uma irmã (13 anos). É o único da família que está estudando no momento. Os membros da sua família que frequentam o programa junto com ele são os irmãos de 12 e 13 anos, e mais dois primos. Durante a entrevista ele respondia as questões de forma vaga, parecendo não estar muito disposto a falar sobre questões relacionadas à família, sendo necessário parar a entrevista para perguntar se ele gostaria de continuar. Ele respondeu que continuaria. A relação com a família foi descrita com as palavras “passeando” e “legal” e com a comunidade também foi descrita como “legal”. Foi necessário perguntar o que significa “legal” para ele: “*Legal é brincar, é (...) zoar, é (...) xingar, bater só*.” (sic). A escola é referida como um lugar em que se aprende a seguir regras. Segundo as palavras dele a escola é: “*para estudar, pra brincar, pra ficar quieto, pra*

ir no banheiro, pedir pra professora pra ir no banheiro, pedir pra professora pra ir beber água.” (sic). Ele afirma que o espaço escolar é um local para estudar e brincar no intervalo, e ao responder o que mudaria no Programa Escola da Família, ele aponta uma mudança no espaço físico: *“Queria que mudasse a sala (...) queria que mudasse a sala lá em baixo, só. (...) Queria que ficasse maior.”* (sic).

Na entrevista, o sujeito relatou que frequenta “sempre” a escola aos finais de semana, e que para ele a Escola da Família seria descrita como “Escola de brincar” isso pode estar relacionado com o que descreve Nidelcoff (1994 apud NETO e FERREIRA, 2006) afirmando que não há lugares de lazer nas periferias, como teatros ou centros culturais. Desta forma a escola acaba servindo como um dos únicos espaços de lazer da região, pois segundo o sujeito nas suas horas de lazer ele, *“Quando eu tô em casa eu brinco de carrinho (...) quando tá frio eu brinco de carrinho (...) ai meu irmão manda eu parar de brincar, manda eu deitar, eu deito, ai quando para o frio e fica calor um pouco né, eu fico lá brincando na rua, só.”*(sic). É possível visualizar que o espaço de lazer para o sujeito seria a sua casa ou a escola aos finais de semana.

Segundo Faria Filho (1998) o mesmo espaço escolar pode aparecer com diferentes significações para a mesma pessoa, o que ocorre com o sujeito 2 pois ele descreve o mesmo espaço escolar com diferentes significados, ele afirma que é um espaço para estudar, mas também para brincar quando é o recreio. É também um espaço grande, pois ele pode sair para o ambiente externo da escola, ou seja, o mesmo espaço tem diferentes significados dependendo do momento. A Escola da família surge como o espaço de brincar, ou como ele mesmo relatou na entrevista é um local de lazer somente aos finais de semana, enquanto a escola no meio de semana aparece como um local de regras em que ele pode brincar, mas tem que estudar e obedecer também.

4.4 Sujeito 3

O sujeito 3 é um menino de 7 anos (irmão do sujeito 1), estuda a segunda série do ensino fundamental e tem um irmão mais velho (8 anos). Durante a entrevista ele pareceu calmo, apenas em algumas questões foi preciso pedir que ele explicasse melhor, pois respondia vagamente. O sujeito diferencia a escola quando está tendo aulas e a escola aos finais de semana, a mesma escola passa a ter dois sentidos, dois significados diferentes, ele descreve o seguinte *“e é diferente de ir para a escola para estudar porque aqui a gente brinca, pinta não é igual a escola que escreve (...) que a gente pega vai a aula de artes, corta, não é igual aqui.”*. (sic) O que se pode notar é que mesmo sendo o mesmo local e realizando a mesma atividade, a significação muda para ele.

Ao contrário do seu irmão (sujeito1), ele afirma que o espaço da escola é muito grande, e que tem muito espaço para ele brincar em qualquer lugar, ou seja, ele diferentemente do seu irmão, criou um outro olhar para esse espaço, o que está de acordo com Marçal (2006) pois ele vivencia esse ambiente da sua maneira, através das suas relações nesse ambiente, criando o significado próprio para esse local. Ele também descreve que os ambiente com mais espaço, são os melhores para brincar. O mesmo descreve Carvalho (2000), que a criança precisa de espaços para poder pular, correr, balançar, ou seja, ter movimentos corporais, e por isso é necessário lugares que tenham grandes espaços vazios, como a quadra mencionada pelo sujeito 3.

O programa Escola da família segundo Oliveira et al (2008) é um ótimo espaço para o lazer, apesar da escola não ser um local específico para essa atividade, pois não foi desenvolvida para isso, o programa consegue tornar esse espaço um local de lazer e de encontro da comunidade. Quando questionado sobre o que ele faz na sua hora de lazer ele descreve *“Brinco, venho aqui pra escola, brinco na escola, pinto e (...) faço um monte de coisa (...).”*(sic), Portanto, ele menciona a escola como um dos principais locais para o seu lazer, comprovando o que autor afirma em sua pesquisa. Segundo Groh (2006) a participação social seria a reivindicação e luta, não apenas estar presente, mas atuar no ambiente no qual se encontra. Tal definição vai ao encontro de um ponto interessante narrado durante a entrevista, quando a criança relata que seu irmão e às vezes sua mãe frequentavam a escola aos finais de semana junto com ele, porém quando é questionado sobre o que acha da sua família participar junto com ele na escola, e ele responde *“Eu gostaria.”*(sic), o que mostra que ele não sente a sua família participando com ele na escola, ou seja, eles podem frequentar juntos, mas não interagem.

4.5 Sujeito 4

Menina de 10 anos, cursando a quinta série do ensino fundamental, ela tem duas irmãs mais novas uma de 8 e outra de 9 anos (sujeito 5). Pareceu estar bem à vontade para responder as questões. O sujeito relata na entrevista que a escola é um lugar para aprender e para ser alguém na vida. Também conta que para ela fazer lição na escola é chato, pois não pode brincar e não pode fazer atividades, diferente da escola aos finais de semana: *“a escola aqui dia de sábado é muito legal porque a gente brinca, a gente conhece mais amigos, ai chega mais tia, a tia P. Trás amigos dela pra gente conhecer, e a tia S. Pega um monte de coisas e a tia P. Fica falando que eu sou artista.”(sic)*. Descreve um ambiente com o qual se identifica, e que pode se relacionar com amigos e conhecer pessoas diferentes. Assim descreve Noleto (2006), que a escola aberta aos finais de semana resgata o direito à infância das crianças, pois elas podem participar de brincadeiras, oficinas, que muitas vezes nas comunidades com pouco poder aquisitivo é mais difícil de ocorrer. A participante da pesquisa traz essa questão de poder se divertir, e de poder ter um local para brincar e manter contato com seus amigos, ela afirma que a escola aberta aos finais de semana é o seu local de lazer, pois se ela não freqüentasse a escola, estaria em casa sozinha assistindo televisão.

O espaço escolar para ela é descrito como um local reservado especialmente para as crianças. Relata que seus pais participam desse espaço somente quando ocorre algum evento, como uma apresentação de teatro por exemplo. Porém é nesses momentos que ela fica muito feliz, pois pode contar com a presença deles: *“se a gente faz um teatro a gente chama, a gente fica mais envergonhado né, quando começa a bater palma pra gente a gente se sente orgulhoso, é muito bom(...)”(sic)*. Isto também é apontado por Carvalho (2004), quando afirma que os pais muitas vezes se limitam a participar da vida escolar de seus filhos, acreditando que somente a participação nas reuniões escolares é o bastante. A participante também relata a importância de poder freqüentar a escola aos finais de semana junto com suas duas irmãs mais novas, já que segundo ela, quando elas estão juntas ela tem uma sensação muito boa: *“eu venho também com minhas irmãs e é a mesma coisa de sempre uma bagunça, desobediência, e as vezes elas se separa da gente pra fazer outras coisas. Tipo assim quando elas me deixa aqui sozinha eu me sinto excluída, quando a gente fica tudo junta a gente se sente unida né, ai é diferente é uma sensação muito boa.”(sic)*, ela aponta a importância de estar junto com a sua família nesse ambiente.

Noleto (2006), afirma que o Programa Escola da Família dá acesso à um mundo que antes era inacessível como teatro, música e dança, e isso é confirmado pela participante no seguinte trecho da entrevista *“(...) tem varias atividades, tem coisa até que a gente acha chique que aqui é graça, não precisa pagar nada, tipo Kung-Fu (...)”(sic)*; Ela também traz um ponto muito importante para ela, sobre a escola estar aberta a comunidade, que é o fato de não haver nenhum tipo de discriminação ao acesso desse local, ela descreve assim *“Eu acho muito bom porque não é assim (...) tipo assim como eu sou assim moreninha ninguém tem preconceito, se sabe, tipo assim né, Ah aquela pessoa é mais bonita pode entrar, outra não pode, não é assim, é livre pra todo mundo, eu acho uma coisa muito boa.”(sic)*. Isto também é confirmado por Athias (2006) relatando que a convivência no ambiente da escola aos finais de semana contribui para diminuir preconceitos e estereótipos.

4.6 Sujeito 5

A participante 5, é uma menina de 9 anos, cursando a quarta série do ensino fundamental. Tem mais duas irmãs uma mais nova de 8 anos e a mais velha de 10 anos (participante 4). Ela pareceu bem disposta durante toda a entrevista. A escola para a participante aparece como um local para aprender a ler e a escrever e também para não se tornar uma pessoa burra, porém ela relata que a escola no meio da semana para ela é chata; *“eu gosto de (...) do sábado e domingo porque eu num es... num faço aula, muito ruim, eu não gosto de estudar(...)”(sic)*. Segundo Ataíde (2002) a escola nos dias atuais surge como um local de transformação e de ascensão social, em que o sujeito pode deixar de ser uma pessoa pobre para entrar em outra classe. Além disso a escola também aparece no real, como uma escola que não condiz com a realidade dos sujeitos com baixa renda, pois ela impõe deveres e tarefas que muitas vezes não fazem nenhum sentido para os alunos da mesma, fazendo com que muitas crianças se desinteressem pela escola, podendo chegar a evasão escolar.

O espaço do Programa escola da família aparece como um local grande onde se pode brincar,

correr, pular, porém também é um local de regras que são entendidas e respeitadas pelas crianças, como é possível observar no seguinte trecho da entrevista “*eu gosto do espaço da escola porque é grande, dá pra correr, brincar mas de vez em quando as tia não deixam porque não pode ir pro corredor, não pode ir pro outro, entendeu? Ai é muito difícil, mas por exemplo o espaço do patio, o espaço da quadra de lá de fora é bom pra gente brincar, mas tem respeitar as tias do que não respeitar.*”(sic). Tal trecho vai ao encontro do que Alves (2002) relata, afirmando que o espaço escolar tem que ser um lugar de regras, e que essas regras possam se parecer com um jogo, para que dessa forma seja interessante para as crianças.

Noletto (2006) e Athias (2006) relatam que o Programa Escola da Família resgata a convivência com a comunidade e com a família, pois todos podem usufruir do mesmo ambiente, realizando atividades lúdicas e tornando esse espaço, um local de cultura. Quando a participante é questionada sobre a sua relação com a comunidade, ela relata na entrevista que tem algumas pessoas da região que ela não gosta, porém outras ela faz amizade e brinca com eles no Programa Escola da Família. A escola aos finais de semana também é mencionada como principal local para o seu lazer, pois se a escola não tivesse aberta aos finais de semana, ela ficaria trancada dentro de casa e perderia muitas amizades que ela tem, e iria ficar com falta: “*Eu acho bom aberta do que fica fechada eu ia ficar triste, final de semana eu ia ficar em casa, meu pai não ia deixar eu sair pra rua pra brincar, não ia mais ver a B. E ai a gente ia perder a amizade, ai eu ia perder a amizade com você, com a tia S., e ia ficar com falta.*” (sic).

Em outro momento da entrevista ela relata que a sua mãe freqüentava o programa escola da família para fazer crochê, mas que hoje em dia não freqüenta mais, e a participante afirma que gostaria que mãe participasse em vez de ficar só em casa limpando e cozinhando. O programa Escola da Família passa a ser um espaço para a participante em que se pode conviver e interagir não só com a comunidade, mas também com a família.

4.7 Sujeito 6

A participante 6 é uma menina de 12 anos, cursando a sexta série do ensino fundamental. Tem uma irmã mais nova de 8 anos e um irmão mais velho de 14 anos. Ambos freqüentam a Escola da Família junto com ela. Na entrevista a participante relatou que não tem locais na região para as pessoas se divertirem e a escola aberta aos finais de semana é um local em que ela pode ir para se divertir, por que esse é o único local de lazer que existe na região e que ela pode freqüentar, pois se não houvesse esse espaço, ela teria que ficar dentro de casa. Nidelcoff (1994 apud NETO e FERREIRA, 2006) afirma que é de extrema importância que as escolas tenham seus espaços escolares abertos, pois nas periferias não existe locais em que se possa ter lazer como cinemas e teatros. A escola se torna um espaço útil para toda a comunidade.

A participante também descreve que em seus momentos de lazer ou ela fica em casa assistindo televisão ou vai para a Escola da Família, assim como afirma Athias (2006) que a escola aberta aos finais de semana, consegue retirar as pessoas da frente da televisão, para que assim elas possam desenvolver o seu potencial junto com a comunidade no espaço da escola.

O sujeito relatou que “*é muito bom a escola aberta porque você pega e vem pra cá, a escola representa um lugar de lazer praticamente pra gente.*”(sic). Segundo Marcellino (2001) o lazer é parte integrante do cotidiano dos indivíduos e faz parte de uma convivência saudável. Quando a escola propicia atividades de cultura, lazer e arte, seja nos horários de funcionamento, como nos outros horários, fortalece os laços da comunidade, sendo um forte instrumento mobilizador da participação social.

4.8 Análise geral das semelhanças e diferenças entre os sujeitos da pesquisa

Todos os sujeitos relatam ter uma boa relação com a família, porém, com a comunidade a relação é descrita como de pouco contato. Como descreve Oliveira et al (2008) a escola aos finais de semana aparece como um local em que é possível criar e fortalecer os laços com a comunidade, pois aparece como um dos únicos locais de encontro com a comunidade (Noletto, 2006).

O espaço escolar é descrito por todos os sujeitos como um lugar grande, reservado para as crianças brincarem, somente o sujeito 1 traz um relato diferente afirmando que o espaço escolar é muito pequeno e mal cuidado. Em todas as respostas ao se referirem ao espaço escolar aberto à

comunidade, trazem a questão do espaço físico como sendo grande ou pequeno. Esta característica pode estar associada ao período do desenvolvimento cognitivo no qual as crianças se encontram, respondendo de forma concreta. A escola é descrita como um local para estudar, aprender e também como um lugar de disciplina e obediência. A escola, também fazendo referência à fase do desenvolvimento em que as crianças se encontram, como descreve Rappaport et al (2005) é um local em que se começa a ter cobranças objetivas, já que se necessita cumprir tarefas e horários, e é um novo modelo que vem de fora e que cobra e implanta leis e regras. A participante 4 acrescenta que a escola é lugar para aprender a ser alguém na vida, se referindo a escola como um local para se obter a ascensão social.

Eles afirmam que acham que a presença da família na escola aos finais de semana é muito boa, pois todos podem brincar juntos. Todos concordam que é muito bom a escola aberta para a comunidade, pois assim todos podem brincar juntos. A participante 6 também relata que a escola representa um local de lazer para a comunidade, esse é outro ponto em que a realidade se sobrepõe a fantasia, o que é esperado nessa fase (Rappaport et al, 2005) já que a condição socioeconômica interfere na condição de brincar das crianças.

Todos os participantes mencionam a participação na Escola da Família quando relatam sobre os momentos de folga e lazer, pois como descreve Athias (2006) Nidelcoff (1994 apud NETO e FERREIRA, 2006), o único espaço de lazer na periferia passa a ser a escola quando está aberta aos finais de semana, se tornando um local muito importante, pois sem ele as crianças não teriam nenhum ambiente para se relacionarem com a comunidade e para lazer. Somente o sujeito 2 não menciona a escola, afirmando que fica em casa brincando. Todos os participantes também relatam que freqüentam sempre o Programa Escola da Família. Alguns sujeitos afirmam que só não vão para a escola aos finais de semana, quando ou os pais não autorizam ou quando tem que sair com a família.

Quando questionados sobre como é freqüentar a escola aos finais de semana, todos fazem referência à diferença entre a escola no meio de semana e a do final de semana. Segundo o sujeito 1 a escola no meio de semana é chata, pois só serve para estudar e não para brincar. A Escola da Família é descrita por todos os sujeitos como uma escola para brincar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível durante a pesquisa perceber que o espaço escolar quando se encontra aberto aos finais de semana representa para as crianças da pesquisa, não só um local de transmissão de conhecimento, mas um local em que eles podem interagir com a comunidade, encontrar amigos e brincar. Além disso o espaço escolar aberto denunciou uma questão social muito importante na região que é a falta de locais em que as crianças possam brincar, como por exemplo um parque, que não existe na região, o que nos leva a questionar a importância de se manter um espaço em que a criança possa criar laços afetivos, ou que possa apenas brincar.

No entanto, esse espaço escolar se revela antagônico para as crianças da pesquisa, pois ao mesmo tempo que é rejeitado nos momentos em que há aula, significando um local chato, que não representa nenhum prazer, também é amado quando está aberto para a comunidade e as crianças podem ter um convívio com esse ambiente e com as pessoas da comunidade. É necessário lembrar que no Programa Escola da família também ocorrem aulas de reforço de matemática, além de leitura de livros, e que as crianças que participaram da pesquisa também freqüentam essas oficinas nos finais de semana, e no meio de semana repudiam essas tarefas, o que nos leva a questionar sobre que espaço escolar é esse, amado e odiado ao mesmo tempo?

Também durante a pesquisa pode-se perceber que a escola ainda aparece como um local reservado somente para o aprendizado científico e a disciplina, isso é de fato importante para a criança ter conhecimento e aprender regras e normas, porém um ponto que marca no discurso das crianças é o fato de que as crianças desmerecem o aprendizado que a escola dá, afirmando que o conteúdo da escola é chato. As crianças, portanto, valorizam a escola, pois ela traz aprendizado e desmerece o que elas ensinam, a escola no discurso dos participantes é uma escola pobre de significados, pois elas não a descrevem como um local em que elas se reconhecem, mas um local distante que poderá um dia ser útil. Além disto, todas se referem à escola fazendo relação ao espaço

físico.

O programa escola da família afirma que consegue trazer as famílias para dentro da escola. No entanto é possível verificar que nessa escola especificamente, os pais não participam do programa, pois a escola é freqüentada efetivamente somente pelas crianças da região, que vão com seus primos e irmãos. Os pais continuam a negar a sua presença na escola, deixando que ela tome conta sozinha de seus filhos. Talvez fosse necessário entender porque esse pais não participam desse espaço escolar juntamente com seus filhos, será que é uma questão da escola que não propicia atividades em que toda a família possa participar coletivamente? Ou será que os pais se negam a participar? Para se verificar porque isso ocorre nesse local, seria necessário uma pesquisa para compreender esse dado.

6. Referências Bibliográficas

ALVES, Rubens. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. São Paulo: Ed. Papirus, 2002.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **Clamor do presente-história oral de famílias em busca da cidadania**. Editora Loyola, 2002.

ATHIAS, Gabriela. **Dias de paz: a abertura das escolas paulistas para a comunidade**. Brasília : UNESCO, 2006. 140p.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

CARVALHO, Mara Campos de. O porquê da preocupação com o ambiente físico: Planejamento do espaço favorece a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. In: **Os fazeres na educação infantil**. Organizadores por Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, et al. 2. ed. re. Ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 34, n. 121, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 Abr 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 1, Jan. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551998000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Dez. 2008.

FREEMAN, Joan. **Dentro e fora da escola, uma introdução a psicologia aplicada em educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira, 2005.

GROH, Ivanete Lago. **Participação da comunidade na escola pública: As percepções dos professores, alunos e pais sobre projetos em parceria escola, comunidade e empresa [Dissertação]**. Itajaí (SC): Universidade do vale do Itajaí; 2006.

MARCELLINO, NELSON CARVALHO. **Lazer e esporte**. Campinas: Ed. Autores associados, 2001.

MARCONI, M.A. e LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Ed. Atlas, 2003.

MARÇAL, Maristela. O invisível das relações visíveis na escola. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas SP, v.7, n. esp, p.56-66, jun. 2006 – Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewa.php?id=79&layout=abstract>> Acesso em: 17 Abr 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NETO, Luiz Bezerra; FERREIRA, Maria Lúcia. **ESCOLA DA FAMÍLIA: Um projeto de inclusão?**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.23, p. 163 –170, set. 2006 - ISSN: 1676-2584.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **POR UMA ESCOLA FELIZ**. In: ATHIAS, Gabriela. **Dias de paz: a abertura das escolas paulistas para a comunidade**. – Brasília: UNESCO, 2006. p.119-

124.

OLIVEIRA, Bruno Sérgio de; OLIVEIRA, Rafael Takaki de; TEREZANI, Denis. Lazer no programa escola da família: o caso do município de Piracicaba-SP. Anais do IX Seminário Lazer em Debate, 2008. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-bruno-rafael-denis.pdf.pdf>

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101995000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 Maio 2008.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo; ANDRADE, Antonio dos Santos. A assimetria na relação entre família e escola pública. **Paidéia** (Ribeirão Preto) , Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 Abr 2008